

POR QUE EDUCAÇÃO MUSICAL AMPLIADA PELA ANTROPOSOFIA?

Por Francisca Cavalcanti

Antes de falarmos em Educação Musical ampliada pela Antroposofia, podemos olhar a situação da educação musical no Brasil, que reflete diretamente os valores atribuídos à música e a sua função na educação.

Há décadas que não temos nas escolas regulares brasileiras o ensino de música em seu contexto curricular. Há um histórico para relatar desde a época dos anos de ouro com o canto coral de Villa-Lobos, acompanhada de questionamentos sobre seus métodos, até a sua saída política, que culminou com a ausência da música nas escolas.

Em 2011 venceu o prazo legal para o cumprimento efetivo da Lei Federal 11.769 o qual tornou, em 2008, o ensino da música obrigatório em todos os níveis da educação de Artes no Brasil. Considerando que o ensino de Música esteve fora da escola regular por algumas décadas, as discussões se ampliaram sobre o impacto desta lei em busca de soluções para atender a demanda de profissionais, práticas e métodos para a educação musical nas escolas.

A partir desta obrigatoriedade cresceram as discussões na sociedade, em órgãos públicos, por profissionais da área da educação, da educação musical e sobre a formação musical de professores, refletindo sobre a viabilidade do ensino, a demanda de profissionais habilitados para atuarem no ensino desta arte, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os professores generalistas, ou unidocentes como são conhecidos, tem a responsabilidade de trazer os conteúdos de todas as áreas de conhecimento e, de acordo com a lei, esse professor deve contemplar a Educação Musical nas suas práticas educativas. As Diretrizes Curriculares Nacionais são explícitas quanto à atuação polivalente dos anos iniciais da Educação Básica. Torna-se necessária então uma formação musical inicial que promova e desenvolva atividades musicais no contexto escolar.

De acordo com a LDB 9394/96, o professor tem sua formação através de curso Normal de Nível Médio, Normal Superior ou Pedagogia–Licenciatura Plena. Porém os estudos mostram que, no currículo de pedagogia nos cursos de graduação, muito pouca ênfase é dada à linguagem musical. Enquanto que o professor especialista se queixa da falta de conteúdos sobre metodologia e pedagogia, que possam ampliar sua compreensão sobre o aluno. Como o professor vai ensinar algo sobre o que ou para quem não conhece?

Há ainda um desafio para o professor licenciado em música, pois o modelo tradicional de ensino de música ainda está fortemente presente e muitas vezes estes profissionais não se sentem aptos e seguros para atuarem no ambiente escolar. Enquanto que alguns educadores apontam sobre a carência em relação à formação musical inicial dos professores e demonstram haver lacunas no currículo dos cursos superiores, que não vem oferecendo preparação profissional suficiente e fundamentação clara para este profissional atuar com a música, outros apontam para a deficiência do professor licenciado em música que, ainda carregado do modelo tradicional de ensino musical, sentem-se inseguros com o pouco conhecimento da pedagogia e didática apropriadas para o desenvolvimento das faixas etárias distintas dos alunos.

A música está presente na vida da escola, desde as rodas, as cantigas, danças, festas e atividades diversas na rotina escolar. Trata-se de uma prática social presente na história da humanidade. No entanto, quando falamos de música na escola, os processos de ensino, objetivos e ações pedagógicas são questões práticas que estimulam debates sobre quem e como é capacitado o profissional para

trazer o ensino de música nas escolas. Ambos os profissionais irão trabalhar nos espaços escolares e, apesar de concordarem com a relevância do ensino de música na escola, terão compreensões diferentes sobre a utilização, finalidade e maneira de ensinar a música. Teoricamente ambos deveriam ter o conhecimento das condições cognitivas, anímicas, espirituais e sociais dos seus alunos.

Nesta discussão há um limiar entre a música e a pedagogia, o que não deveria estar separado. A transdisciplinaridade depende do engajamento dos professores, podendo enriquecer e facilitar a tarefa de ambos, viabilizando de fato a inclusão da educação musical no currículo escolar.

Para as escolas Waldorf esta mudança na lei brasileira não alterou muito. O professor especialista, o professor de música, este que na Escola Básica entra a partir da 5ª. série em diante, além da sua licenciatura em música precisa conhecer as bases da Pedagogia Waldorf e entender as etapas de desenvolvimento dos seus alunos; conhecer como se constrói o currículo Waldorf e trabalhar a transdisciplinariedade com o professor regente de classe e de outras matérias.

Já o professor generalista, ou unidocente, que se espera ter a formação em pedagogia para se especializar em pedagogia Waldorf, precisa desenvolver habilidades para trazer todas as linguagens artísticas do currículo Waldorf, inclusive a Música. Assim é que nas nossas formações de pedagogia Waldorf oferecemos a musicalização, o canto, o ensino básico de instrumento, conhecimentos básicos para o professor desenvolver as suas rodas rítmicas na primeira parte da manhã; para trabalhar o canto com os seus alunos, tocar um kântele, ou a flauta doce, mas essencialmente poder criar artisticamente com a música, improvisar, compor canções simples para a sua constelação de alunos.

E mais que tudo, para ambos os profissionais, é necessário educar a sua voz, já que sabemos que ela é formadora e plástica, que a voz atua na laringe de quem ouve: a nossa voz é um gesto. Assim como a Euritmia educa os gestos, o canto na ampliação antroposófica educa as ações através da palavra falada e cantada. O canto é um toque de coração para coração, uma “massagem” na alma de quem ouve.

O canto é considerado um elemento importante na pedagogia musical e trazido com ênfase em diversos métodos por pedagogos musicais do século XX, como Edgar Willems (1890-1978), Maurice Martenot (1898-1980), Villa Lobos (1887-1959) e Zoltan Kodály (1882-1967). Kodály considerava a experiência do canto como antecedente obrigatório ao aprendizado instrumental. E não é de modo diferente que ensinamos a música na escola Waldorf.

Rudolf Steiner, Eugen Kolisko, Valborg-Werbeck e, entre tantos outros, mais recentemente Wolfgang Wünsch (meu professor durante a formação pedagógica e musical na Alemanha), trazem grandes contribuições para o entendimento e ampliação da atuação da música, o quanto esta prática artística musical é essencial para o desenvolvimento global do ser humano.

Há também uma grande preocupação mundial sobre a prática musical, principalmente sobre a prática do canto nas escolas. Não só no Brasil, há um grande número de pesquisas tentando compreender quais são os principais obstáculos encontrados para a não realização do canto nas práticas educativas escolares.

Vivemos hoje uma situação difícil de resolver: a demanda não encontra eco nas possibilidades reais de professores disponíveis com licenciatura e nem com desenvolvimento de habilidades suficientes nos cursos de graduação ou normal para os professores generalistas ou unidocentes.

Para atender esta urgência é que oferecemos a formação musical continuada de professores para atender um público de todos os cantos do Brasil. A nossa visão de ser humano, ampliada pela pedagogia Waldorf, contribui enormemente com a música nesta educação global do ser humano.

Estas formações são oferecidas em São Paulo e Santa Catarina, através do curso “Antropomúsica”, do Círculo Musical (www.circulomusical.org.br) e também através da Escola Raphael de Canto e Cantoterapia, da SAGRES (www.asssagres.org.br). Ambas as formações são indicadas para qualquer interessado que já tenha um conhecimento inicial em música e que deseje ampliar seus conhecimentos para aplicar dentro ou fora de qualquer Escola Waldorf.

Estes cursos vem trazendo capacitação para professores de classe, professores de música, pedagogos sociais, pedagogos terapeutas, musicoterapeutas, cantoterapeutas, psicólogos, médicos, músicos e luthiers, que vem disseminando a música ou a educação musical e mais que isto, tornando a música acessível ao público, neste momento tão importante de valorização e inserção na sociedade brasileira.

Aproximar música, pedagogia e terapia pode representar um caminho para que a educação musical seja compreendida, solicitada e aplicada numa época em que falamos de ecologia sonora, educação global do ser humano ou terapias através da Arte. Não podemos deixar de fora esta linguagem tão humana e arquetípica, que ressoa em todos os níveis e corpos sensíveis e supra-sensíveis do ser humano: a MÚSICA !

Francisca Cavalcanti